

Alan Faber do Nascimento¹

Amanda Valiengo²

Elisa de Campos Borges³

Juliana Helena Gomes Leal⁴

Lilian Simone Godoy Fonseca⁵

Rebecca Pedroso Monteiro⁶

¹ Doutor em Geografia Humana pela UNESP. Professor nos cursos de Turismo e Bacharelado em Humanidades da FIH/UFVJM. E-mail: alanfaber@uol.com.br

² Doutora em Educação pela UNESP. Professora nos Cursos de Pedagogia e Bacharelado em Humanidades da FIH-UFVJM. E-MAIL: ducavaliengo@gmail.com

³ Doutora em História Social pela UFF. Professora nos cursos de História e Bacharelado em Humanidades da FIH/UFVJM. E-mail: elisaborgesuniv@gmail.com

⁴ Doutora em Literatura Comparada (2012), Mestre em Estudos Literários (2007), Licenciada em Língua Portuguesa (2001) e Língua Espanhola (2004) pela UFMG. Professora de Literatura na UFVJM e coordenadora do Projeto de Extensão Cine Mercúrio. E-mail: juleal@yahoo.com

⁵ Doutora em Filosofia pela UFMG. Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo (NEPC/UFMG), Professora Adjunta I da FIH-UFVJM no Curso de Bacharelado em Humanidades. Membro do CEFIL. Colaboradora do Projeto Cine Mercúrio. E-mail: filoslgodoy@ig.com.br

⁶ Pós-doutora (2011), Doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Professora de Teoria Literária e Literaturas em Língua Portuguesa nos cursos de Letras Português/Espanhol e Bacharelado em Humanidades da FIH/UFVJM. E-mail: rebecca.pedroso@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o *Cine Mercúrio*, um projeto de extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – *Campus* de Diamantina/MG. Tal projeto exhibe filmes para a sociedade de Diamantina, com debates posteriores, possibilitando aos moradores um contato com essa linguagem artística, na tentativa de possibilitar uma distribuição mais equitativa e democrática dos bens chamados humanizadores, nesse caso, mais especificamente, o cinema. Alguns resultados atingidos com o projeto são: a democratização do acesso aos bens culturais cinematográficos, o incentivo ao diálogo crítico, o desenvolvimento da apreciação estética, dentre outros.

Palavras-chave: *Cine Mercúrio*; Cinema; Extensão Universitária; Democratização e Formação de Público.

El Proyecto *Cine Mercurio* en Diamantina

RESUMEN

El presente artículo objetiva presentar el *Cine Mercúrio*, un proyecto de extensión de la Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – *Campus* de Diamantina/MG. Dicho proyecto exhibe películas para la sociedad de Diamantina y realiza debates que permiten a los habitantes un contacto con ese lenguaje artístico, posibilitando una distribución más igualitaria y democrática de los bienes llamados humanizadores, en este caso, el cine. Algunos resultados logrados por el proyecto son: democratización del acceso a los bienes culturales cinematográficos, incentivo al diálogo crítico, desarrollo de la apreciación estética, entre otros.

Palabras-clave: *Cine Mercúrio*; Cine; Extensión Universitaria; Democratización y Formación de Público.

INTRODUÇÃO

Este relato tem por objetivo apresentar o *Cine Mercúrio*, um projeto de extensão vinculado à FIH/UFVJM – *Campus* de Diamantina/MG, como uma possibilidade de oferecer exhibições de filmes à comunidade bem como realizar discussões por meio do cinema, visando à formação de público. O projeto conta atualmente

com as seguintes parcerias que viabilizam a exibição (pública e gratuita) dos filmes que fazem parte de sua programação: PROEXC/UFVJM, Programadora Brasil (MinC), Ancine e Institut Français.

O cinema nasce no final do século XIX despertando a curiosidade das pessoas com a possibilidade de ver na tela grande imagens e (his)estórias nas quais nos identificamos. A invenção da televisão e das chamadas novas tecnologias possibilitou a difusão em massa da linguagem audiovisual. Hoje é possível ter acesso a múltiplos conteúdos, pagos ou gratuitos, em diversas plataformas tecnológicas. Mas o cinema resiste e continua a encantar gerações apesar das poucas e concentradas salas de cinema, se considerarmos a relação entre número de habitantes por região brasileira e número de salas. Em sua maioria, as cidades com menos de 100 mil habitantes não as possuem, dentre elas a cidade de Diamantina.

O *Cine Mercúrio*, enquanto projeto de extensão da UFVJM, nasce também do diagnóstico desta situação e, a partir do esforço de inúmeros atores, propõe levar à sociedade diamantinense e de distritos próximos o encantamento da chamada “sétima arte”.

As ações do Projeto *Cine Mercúrio*, na cidade de Diamantina, tiveram início em outubro de 2009, a partir de uma primeira parceria firmada entre a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e a Diretoria de Relações Internacionais da UFVJM – por meio do Centro de Apoio a Idiomas, o Instituto Cervantes de Belo Horizonte e o Instituto Casa da Glória da UFMG, com o apoio da Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Supram/Jequitinhonha).

A partir do mês de maio de 2010, iniciou-se uma nova parceria, desta vez com o antigo Instituto de Humanidades da UFVJM – *Campus* de Diamantina. Firmou-se também, no mesmo período, uma importante parceria com o Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em Diamantina, por meio da qual foi possível propor e concretizar a formulação de mostras do Projeto *Cine Mercúrio*, exibidas no Cine Chica da Silva, aos domingos, além das que já eram realizadas, às quartas-feiras, no auditório do Instituto Casa da Glória da UFMG.

Em 17 de setembro de 2010 o projeto foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM e passou a contar com um incremento significativo de discentes na composição de sua equipe executora (fundamentalmente alunos dos cursos de Turismo e Bacharelado em Humanidades da FIIH). Em outubro do mesmo ano, firmaram-se novas parcerias, dessa vez com a Federação das Associações Comunitárias de São Gonçalo do Rio Preto, organização não governamental. Foi possível ofertar programação audiovisual de qualidade a seus moradores (por meio da utilização do salão paroquial da referida cidade) com o objetivo de viabilizar a criação de um ponto de encontro, bate-papo, troca de ideias, mobilização cultural e de interlocução de diferentes atores culturais do município e região.

A partir de janeiro de 2011, outra importante parceria foi estabelecida com a SECTUR/Prefeitura Municipal de Diamantina e com o Cine Teatro Santa Izabel, local que, até dezembro de 2012, abrigou as projeções das mostras realizadas pelo *Cine Mercúrio*. Esse período teve um significado duplamente importante para o

projeto, não somente no que se refere à ampliação das possibilidades de diálogo de suas ações com a comunidade externa, mas também pelo estreitamento que essa parceria consolidou entre a Prefeitura de Diamantina e a UFVJM, possibilitando a realização de outras ações de interesse da universidade, do poder público e da sociedade civil como um todo.

Atualmente o projeto está em uma nova empreitada com relação ao uso de outros espaços de Diamantina. Assim, o *Cine Mercúrio* tem realizado exibições em locais que, até então, não eram usados para o tipo de atividade que o projeto propõe. Entre eles estão o Museu do Diamante e o Movimento de Criatividade Comunitária (doravante Mocrico), um centro comunitário com sede no bairro Rio Grande, periferia de Diamantina.

NATUREZA DA AÇÃO

A concepção de uma prática pedagógica interdisciplinar, articulada com a produção cultural e as expressões artísticas, fundamenta-se em um paradigma de educação que leva em conta o repertório de valores, imagens e referências simbólicas e culturais de um povo, considerando tanto aquelas difundidas pela indústria de massa como outras que necessitam de fortalecimento e visibilidade para que participem de forma mais igualitária do ambiente de conflitos culturais próprio da sociedade atual.

Para enfrentar este efeito mutilador de segregação e separação cultural entre classes, podemos pensar em uma distribuição mais equitativa e democrática dos bens chamados humanizadores (literatura, música e cinema). Segundo Antonio Cândido, é necessário pensar nisso, levando-se em conta os direitos humanos. Mas, por quê? “Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que é importante para mim é importante para o próximo” (CÂNDIDO, 1988, p. 172). Para Antonio Cândido, ninguém discorda do fato que o *próximo* tem direitos a bens fundamentais como casa, comida e vestuário, no entanto, é muito comum se esquecer que os mais desprovidos em relação ao acesso aos bens socioculturais também têm direito a ler *Eneida*, de Virgílio, ouvir uma música erudita ou ter acesso a um filme do cineasta brasileiro Glauber Rocha, por exemplo.

A importância da vivência e da experimentação cultural em um ambiente educativo é ressaltada se considerarmos que a simples transmissão de conteúdos ou a mera aplicação de saberes não comportam a dinâmica de relações desiguais que caracterizam o universo de produção e circulação de bens simbólicos, hoje em intenso fluxo nos meios de comunicação e informação. Néstor García Canclini, no livro *As culturas populares no capitalismo*, afirma: “No mundo contemporâneo, a interdependência não é uma relação de reciprocidade igualitária. [...] A multinacionalização do capital, que é acompanhada pela transnacionalização da cultura, impõe uma troca desigual tanto aos bens materiais quanto aos bens simbólicos” (CANCLINI, 1983, p. 26).

Podemos referenciar outra argumentação afinada a essa perspectiva dialógica, em contraposição a uma abordagem fundada na transmissão linear do saber, com a seguinte passagem, de autoria da professora Cremilda Medina, em *O signo da*

Grande parte das tradicionais fontes emissoras de conteúdos científicos e das autoridades querem politicamente fazer da informação de atualidade um instrumento de conquista de poder nos conflitos internos ou de promoção de sua imagem acima de qualquer suspeita para as comunidades externas. (MEDINA 2000, p. 25)

Acreditamos que, por meio de uma expressão artística como a cinematográfica, já em si construída a partir do entrelace entre diferentes linguagens – teatro, fotografia, música e sonoplastia, literatura (roteiro, poética), tecnologia (montagem, operação de câmera), cenografia, figurino, etc., o projeto *Cine Mercúrio* tem tentado intervir num contexto contemporâneo de apelo à imagem e aos sentidos visuais, buscando compreender as ferramentas próprias do audiovisual e incentivando o debate e a reflexão crítica sobre questões estéticas presentes em toda produção cultural e social.

O foco norteador deste projeto, de caráter interdisciplinar, é a formação de público de telas (especificamente o cinema) e textos, e a possibilidade de utilização da linguagem audiovisual em interação com a Literatura, com a História, com a prática educativa, com questões sociais, culturais, ambientais, políticas, identitárias, artísticas, patrimoniais, etc.. Consideramos, também, como meta de trabalho, a criação e potencialização de espaços culturais na cidade de Diamantina, bem como nos distritos de Diamantina. Objetiva-se com isso o acesso da comunidade externa à UFVJM, moradora dessas localidades, a produtos culturais e artísticos, especialmente os de natureza audiovisual, de forma a conseguirem superar as condições de desigualdade, seja por razões socioeconômicas ou de outra natureza, que muitos deles têm no usufruto pleno e democrático desses bens.

Assim, o projeto busca, por meio da linguagem cinematográfica, debater e problematizar as mais variadas questões ligadas ao domínio da cultura, da história, da economia e da sociedade, promovendo a criação de espaços de intercâmbio de opiniões e olhares da comunidade diamantinense e de alguns de seus distritos sobre diversos temas que se relacionam com o meio social de modo mais amplo.

De fato, como observa Laplantine (2007), o drama do pensamento social contemporâneo reside em uma cientificidade extremamente positiva, baseada no intenso parcelamento dos domínios, porém pouco reflexiva, o que, ao fim e ao cabo, terminará obstaculizando o próprio exercício do pensamento. Por isso, é preciso, mais do que nunca, recuperar o sentido total da reflexão. Mais precisamente, faz-se necessário superar as disjunções, absolutamente singulares na história da humanidade, que a ciência moderna impôs ao pensamento.

É no rastro dessa necessidade, portanto, que, a nosso ver, se inscreve o *Cine Mercúrio*. Partindo do pressuposto que pesquisa, extensão e ensino formam uma unidade indissolúvel, o projeto utiliza da linguagem cinematográfica como mediação necessária para uma prática pedagógica global e dialógica. Global porque busca apreender os temas que apresenta em suas múltiplas dimensões, afastando-se, assim, por exemplo, de qualquer autonomização do cultural em relação ao

social. O que, aliás, faz jus à inspiração do seu nome:

Mercúrio, de pés alados, leve e aéreo, hábil e ágil, flexível e desenvolto, estabelece as relações entre os deuses e entre os deuses e os homens, entre as leis universais e os casos particulares, entre as forças da natureza e as formas de cultura, entre todos os objetos do mundo e todos os seres pensantes. (CALVINO, 1990, p. 68)

E dialógica porque concebe o outro, o telespectador, não como um objeto, e sim como um sujeito capaz de fazer formulações significativas sobre aquilo que é transmitido na tela.

Acreditamos que esse processo de reflexão, experimentação e ampliação de repertório é de fundamental importância não apenas no ramo das Ciências Humanas, mas também em outras áreas do conhecimento, uma vez que a intensidade dos fluxos de comunicação e informação pode ser reconhecida em inúmeros campos do saber, influenciando posturas e escolhas na prática pedagógica e científica. O estímulo à criatividade e ao espírito crítico, a nosso ver, amplia as possibilidades do ensino, da criação em arte e em cultura e também a formulação de práticas de intervenção e transformação da realidade, construídas a partir do diálogo estabelecido entre a comunidade universitária e atores sociais diversos da sociedade civil. A prática desse exercício crítico e desse compartilhamento de saberes é o que permitirá, a nosso ver, a criação de momentos de reflexão sobre possíveis maneiras de intervenção nas problemáticas sociais vivenciadas por esses sujeitos.

Sob outra perspectiva, e tomando como referência as ações realizadas em diferentes pontos da cidade, o *Cine Mercúrio* também se caracteriza como uma tentativa de apropriação pela população diamantinense de seus espaços de vida. Como nos lembra Marcellino (1995, p. 66), a democratização da cultura e do lazer passa, necessariamente, pela democratização do espaço:

[...] o que quero dizer é que ação democratizadora precisa abranger, além da construção de novos equipamentos em locais adequados e acessíveis, a luta pela mudança da mentalidade na utilização de equipamentos não específicos e a busca da participação da população na defesa do seu patrimônio ambiental e urbano, o que implica preservar o espaço, revitalizar construções e manter a riqueza da paisagem urbana, podendo significar, inclusive, um elemento que se contraponha à homogeneidade cultural tão presente na vida dos habitantes das cidades.

Assim, acreditamos que, seja por meio de uma linguagem cinematográfica que permita entrelaçar os diferentes domínios de nosso cotidiano, contrapondo-se, assim, à crescente fragmentação do pensamento social, ou pela promoção da lógica do “usador”, em detrimento do consumidor, notadamente em tempos de hegemonia do privado sobre o público, o projeto *Cine Mercúrio* justifica-se, antes de tudo, por representar uma contratendência. Além disso, entendemos, também, que o projeto vem responder a uma demanda da sociedade civil que, segundo explicitam os princípios básicos da plataforma política da extensão universitária, desde 1987, veem a arte como prioridade local, regional e nacional.

A partir dessa premissa da arte como prioridade, algumas das atividades realizadas pelo *Cine Mercúrio*, ao longo da sua existência, podem ser exemplificadas pela: exibição de filmes no 33º Festival de Inverno da UFMG em Diamantina, cujo tema foi “O Bem Comum”; participação no VI Encontro de Educação Física da UFVJM, cujo tema foi “Corpo que dança, corpo que joga”; exibição de curtas metragens sobre humor no Asilo Frederico Ozanam; além das exposições quinzenais que neste ano acontecem no Museu do Diamante e Mocrico.

BREVES RELATOS DE ALGUMAS SESSÕES

No dia 29 de junho, o projeto *Cine Mercúrio* exibiu no Mocrico o filme *O Homem Nu*. Dirigido por Hugo Carvana, o longa-metragem narra a saga de Silvio Proença, pesquisador de folclore que precisa embarcar para São Paulo, a fim de divulgar seu novo livro. No aeroporto, o pesquisador encontra um grupo de velhos companheiros. Com o embarque cancelado devido a uma forte tempestade, o grupo segue para o apartamento de Marialva, sobrinha de um dos amigos de Proença. Seduzido pela música e pelos encantos da moça, Proença passa a noite ali mesmo, onde desperta no dia seguinte, completamente nu. Ainda zonzo da ressaca, vai apanhar o pão deixado na soleira da porta do apartamento. É quando o vento fecha a porta e o deixa nu do lado de fora. Como era de se esperar, durante o filme, a plateia (cerca de 40 pessoas) se divertiu bastante com as diversas situações de aperto em que o personagem acaba se metendo. Após a sessão, houve um debate organizado pelos professores Juliana Leal e Alan Faber do Nascimento, que girou em torno das implicações que decorrem da transformação de um conto em um longa-metragem. Mais precisamente, é comum a questão sobre a possibilidade de um filme condensar ou não, em algumas horas, o que está expresso e escrito em um livro. Contudo, no caso do filme *O Homem Nu*, inspirado no conto homônimo de Fernando Sabino, a questão se apresenta de maneira invertida: seria o filme melhor que o conto? Teria o filme essa pretensão? Por outro lado, seria possível uma comparação desse tipo? Enfim, além dos momentos de diversão e entretenimento, a sessão foi uma ótima oportunidade para discutir os limites e as possibilidades de intercâmbio entre as diversas formas de arte e cultura.

Na sessão de 13 de julho, realizada no Museu do Diamante, o projeto exibiu o filme *Durval Discos* (Brasil, 2002), com direção de Anna Muylaert. Predominou o público adulto e compareceram 37 pessoas, das quais 20 ficaram para o debate. O filme exibido tem como personagem central Durval, um solteirão com jeitão de *hippie*, que tem uma loja de discos e ainda mora com a mãe. Com a chegada do CD, ele se recusa a vendê-los, mantendo-se fiel ao vinil. O inesperado aparecimento de uma menina mudará para sempre as vidas de Durval e de sua mãe dominadora. A plateia reagiu bem ao filme, mostrando bom humor e atenção. Os principais temas abordados durante o debate foram, em primeiro lugar, o *nonsense* da situação vivida pelas personagens, e as características do gênero “comédia do absurdo” no cinema. Debateu-se também a passividade de Durval perante a situação como um todo e sua relação edipiana com a mãe. Também foram comentados os problemas gerados pela passividade, pelo medo, pela resistência à mudança, pelo autoaprisionamento no conhecido e pela covardia condescendente, bem como o comportamento crescentemente perturbado da mãe de Durval e sua relação complexa com o filho. A sessão também permitiu o debate acerca de aspectos técnicos do filme,

como os créditos de abertura diferenciados (*travelling*), a fotografia, a trilha sonora, detalhes da direção. Também a estrutura narrativa foi observada: o modo como, a partir de um sistema fechado e sem problemas, a entrada da criança gera uma série de situações e de conflitos em progressão geométrica até o limite do absurdo. Os professores debatedores dessa sessão foram Patrik Vezali e Rebecca Monteiro.

Na sessão do dia 27 de julho, realizada no Mocrico, foi exibido *Saneamento Básico* (Brasil, 2007), sob a direção de Jorge Furtado. O filme relata a façanha dos moradores da fictícia Linha Cristal, uma pequena vila de descendentes de colonos italianos, localizada na Serra Gaúcha, que se reúnem para tomar providências a respeito da construção de uma fossa para o tratamento do esgoto. Eles elegem uma comissão, que é responsável por fazer o pedido junto à subprefeitura. A secretária do prefeito reconhece a necessidade da obra, mas informa que não há verba para realizá-la. Entretanto, a prefeitura dispõe de quase R\$ 10.000 para a produção de um filme. Este dinheiro, concedido pelo governo federal, se não for usado, será devolvido em breve. Surge então a ideia de usar a quantia para realizar a obra e rodar um filme sobre a própria obra. Porém, a retirada da quantia depende da apresentação de um roteiro e de um projeto do filme, além de haver a exigência que ele seja de ficção. Desta forma, os moradores se reúnem para elaborar um filme barato, que conta a história de um monstro que vive nas obras de construção de uma fossa.

Estiveram presentes 47 espectadores na sala de exibição. A receptividade ao filme foi positiva. Ao final da exibição, foi realizado um debate que contou com a presença de 26 pessoas. Todos participaram ativamente das discussões. Os principais temas debatidos foram: os objetivos do diretor do filme ao produzir o roteiro; a construção dos personagens e o papel que cada um desempenhou no filme rodado dentro do filme; a falsa dicotomia entre a aplicação de recursos públicos em obras estruturais e na cultura; a relação entre algumas cenas do filme e o cotidiano da vida política atual do país; os problemas enfrentados pelos municípios, incluindo Diamantina, em especial, no bairro Rio Grande, para a construção do sistema de saneamento básico; a importância de conscientizar a população quanto ao seu papel individual e coletivo no respeito à natureza e na cobrança junto aos órgãos públicos para a aplicação dos recursos na área de saneamento. O debate foi conduzido pelas professoras Elisa de Campos Borges e Rebecca Monteiro.

Na sessão do dia 10 de agosto, realizada no Museu do Diamante, exibiu-se o documentário *Estamira* (Brasil, 2006), dirigido por Marcos Prado, filme no qual é narrada a história de Estamira Gomes de Souza, catadora de lixo que, apesar do cotidiano árduo, preservou sua humanidade e dignidade, mantendo uma visão bastante lúcida, crítica e até filosófica sobre a vida. A plateia, composta por 48 adultos, reagiu bem ao filme. Já esperando um cenário de miséria e melancolia, o público surpreendeu-se ao ver que a personagem principal, Estamira, revelou-se uma mulher que, mesmo tendo nítidos problemas psicológicos e vivendo em condições totalmente adversas, era capaz de se expressar de um modo contundente e provocador. De fato, alguns de seus comentários sobre a nossa sociedade causam o efeito de um “tapa na cara” e nos fazem refletir sobre nossa pretensa “normalidade”.

Ao final do filme, 45 pessoas permaneceram e participaram do debate, quase todos os presentes verbalizaram um pouco das inquietações despertadas por Estamira. Do ponto de vista técnico, a qualidade fotográfica do documentário e a

experiência profissional do diretor Marcos Prado como fotógrafo foi discutida. Os debatedores acrescentaram informações específicas sobre o documentário, entre elas: prêmios recebidos; repercussão crítica da produção fílmica; “destino” de *Estamira*, após as gravações do filme, etc. Foi feita também uma interseção entre a estrutura temática/formal da produção fílmica do diretor Marcos Prado (2006) com o filme “Lixo extraordinário” (2010), da diretora Lucy Walker, produzido a partir dos trabalhos realizados com sucata do artista plástico brasileiro Vik Muniz. Do ponto de vista ético, discutiu-se a questão do uso de sujeitos clinicamente diagnosticados como pacientes psiquiátricos, enquanto personagens de obras de artes - e, por fim, fez-se uma relação entre a história pessoal da personagem principal do documentário *Estamira* com outras histórias pessoais semelhantes como as do artista Bispo do Rosário e de Dona Olímpia de Ouro Preto. O debate foi conduzido pelos professores Juliana Leal e Alan Faber e por Allan Alves – integrante da equipe do Cine Mercúrio.

Já na sessão do dia 24 de agosto, a última do primeiro semestre letivo de 2013, foi exibido o filme *Narradores de Javé*. Dirigido por Eliane Caffé, o filme conta a história do pequeno povoado de Javé que, devido à construção de uma hidrelétrica, pode vir a desaparecer por uma inundação. Pior ainda, seus moradores não serão indenizados e sequer serão notificados, porque não possuem documentos das terras. Inconformados, descobrem, no entanto, que o local poderia ser preservado, caso conseguissem provar o valor histórico do povoado como patrimônio. Acontece que ninguém sabe escrever, a não ser o carteiro Antônio Biá, sujeito malandro e cheio de bossa que armará uma tremenda confusão com a sua incumbência. No tocante ao público, compareceram à sessão 55 pessoas. E em relação ao debate, organizado pelo professor Patrik Vezali e pela discente Taynara Pessoa, os assuntos discutidos foram: a importância da alfabetização no mundo contemporâneo; as contradições que envolvem os processos de tombamento e registro histórico de bens materiais e imateriais, a justaposição entre o moderno e o tradicional na realidade social brasileira, expressa, por exemplo, na trilha musical do filme, que une a cultura popular do sertão com as novas tecnologias; o fato de a obra ter sido inspirada por um morador do Vau, distrito de Diamantina/MG; e, por fim, a possível relação entre o filme e o texto *O Narrador*, do filósofo alemão Walter Benjamin.

A partir das atividades supracitadas, podemos destacar alguns resultados atingidos pelo projeto *Cine Mercúrio*. Em primeiro lugar, o projeto promoveu uma democratização do acesso aos bens culturais cinematográficos de origem brasileira e estrangeira à comunidade acadêmica da UFVJM (*Campus* de Diamantina), bem como à população da cidade de Diamantina. Em segundo, promoveu e incitou o diálogo crítico da linguagem cinematográfica por meio de debates, conversas e bate-papos ao final das exibições dos filmes da programação do *Cine Mercúrio*. Em terceiro, o projeto estimulou a apreciação estética de bens artísticos e culturais (especialmente os de natureza cinematográfica), promovendo, assim, a ampliação da consciência crítica da realidade do espectador e do seu campo de percepção sobre o mundo, sobre si próprio e sobre seu entorno sociocultural. Em quarto, o projeto contribuiu para promover o despertar e o desenvolvimento de um espectador ativo, formando leitores críticos de telas e textos. Em quinto, travou um diálogo constante entre sociedade, história e comportamento, a partir do contexto fílmico em confronto com o vivido pelo espectador. E, por último, mas não menos importante, possibilitou o acesso e fomentou a ocupação consciente dos espaços históricos

de Diamantina (tais como, atualmente, o Museu do Diamante e, anteriormente, a Casa da Chica, a Casa da Glória e o Cine Teatro Santa Izabel) pela comunidade acadêmica da UFVJM, bem como pela comunidade externa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evocando mais uma vez Marcellino (1995), ao enfatizar que a democratização da cultura e do lazer passa, necessariamente, pela democratização do espaço, podemos afirmar que o *Cine Mercúrio*, para além dos seus objetivos mais imediatos, insere-se em uma tentativa de apropriação da população local pelos seus espaços de vida. Tal tentativa, obviamente, não é uma tarefa fácil. Ao longo desses anos de existência, o *Cine Mercúrio* enfrentou muitos desafios e questionamentos. O que, todavia, não o debilitou. Pelo contrário. Tornaram-se, antes, momentos próprios e compreensíveis que somente as experiências que buscam questionar e transformar a realidade conhecem. Daí um agradecimento especial a todos os membros da comunidade acadêmica que contribuíram e continuam contribuindo para a realização do projeto. Também nosso muito obrigado à população diamantinense. Afinal, é para ela, por ela e com ela que continuamos colocando mais do que “filmes para rodar”.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, N. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 1988. p. 169-191.

LAPLANTINE, F. **Aprender a antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARCELINO, N. C. **Lazer e humanização**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MEDINA, C. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2000.

Referências Filmográficas

DURVAL Discos. Direção: Anna Muylaert. Brasil: Europa Filmes, 2002. 1 DVD (93 min.). son., color.

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Brasil: Zazen Produções/RioFilme, 2006. 1 DVD (121 min.). son., color.

LIXO extraordinário. Direção: Lucy Walker. Brasil/Reino Unido: Almega Projects e O2 Filmes, 2010. 1 DVD (90 min.). son., color.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Brasil: Bananeira Filmes, 2003. 1 DVD (100 min.). son., color.

O HOMEM nu. Direção: Hugo Carvana. Brasil: MAC comunicação e produção Ltda., 1997. 1 DVD (75 min.). son., color.

SANEAMENTO básico. Direção: Jorge Furtado. Brasil: Globo Filmes/Casa de Cinema de Porto Alegre, 2007. 1 DVD (112 min.). son., color.

COMO CITAR ESTE RELATO:

NASCIMENTO, Alan Faber do; VALIENGO, Amanda; BORGES, Elisa de Campos; LEAL, Juliana Helena Gomes; FONSECA, Lilian Simone Godoy; MONTEIRO, Rebecca Pedroso. O Projeto *Cine Mercúrio* em Diamantina. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 1, n. 2, p. 61-70, ago./dez. 2013. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.